

AS ESTRELAS SOBEM • Continuação da página 1

Leonardo Aversa



ANDRÉA BELTRÃO (à esq.) concorre por “As centenárias”; Camilla Amado, por “O homem vivo”; Dani Barros, por “Acqua Toffana”; Adriana Esteves, por “Auto de Angicos”; e Inez Viana, por “A mulher que escreveu a Bíblia”

A corrida pelo ouro dos palcos paulistas

As cinco atrizes indicadas ao Shell no Rio ou já estão com viagem marcada para São Paulo ou vão marcar

Nenhuma das cinco atrizes reclama do público no Rio, mas todas querem os palcos de São Paulo. Adriana Esteves vai para lá com “Auto de Angicos” no fim de março, depois de abrir o Festival de Curitiba ano com o mesmo espetáculo. Quer passar três meses em São Paulo:

— Tem público de teatro. E crítica de teatro, acrescenta Dani Barros, para quem a crítica paulista da área “entende mais o espetáculo que você, não é só ‘isso serve, isso não serve’”. Camilla Amado também vai, se a Lei Rouanet deixar:

— Estou esperando a Rouanet. Pedi uma retificação no projeto, para incluir as apresentações em São Paulo, mas há dois mil projetos atrasados, né? Já tenho patrocínio para ir, só não tenho a lei.

Em São Paulo, mais grupos e mais defesa do setor

Outra coisa que São Paulo tem, dizem as atrizes, é o grande número de companhias e organizações como a Cooperativa Paulista de Teatro, entidade com uma atuação de defesa do setor semelhante à que a Associação de Produtores Teatrais do Rio (APTR) vem tentando criar nos últimos anos.

— Não há mais reuniões da classe! Todos se produzem, então todos ficam na sua, cada um fazendo suas coisas — diz Inez Viana, sobre a união dos profissionais de artes cênicas.

— A gente precisa realizar um recenseamento da classe teatral. Faz um estatuto, todo mundo assina — completa Camilla e, antes que se pense que é uma proposta formal, ela continua com um sorriso. — Para nada, só para a gente. Depois, damos uma festa enorme, no Copacabana Palace, muito champagne, onde só entra quem tiver assinado o nosso estatuto. Aí, todo mundo vai querer fazer parte da classe teatral. ■

Divulgação



“RASGA CORAÇÃO” pode levar direção

Leonardo Aversa/29.11.2007



LOUISE CARDOSO: “Mãe Coragem”

Divulgação/Ricardo Sodré



“BESOURO Cordão-de-Ouro”, de João das Neves

Divulgação



SACHA BALI: “Pão com mortadela”

CONFIRA OS INDICADOS DE 2008 NO RIO NAS OUTRAS CATEGORIAS DO PRÊMIO SHELL

• **AUTOR:** Aimar Labaki, por “Campo de Provas”; Paulo Biscaia Filho, por “Graphic”; Bosco Brasil, por “Cheiro de chuva”; Charles Möeller, por “7 — O musical”; Newton Moreno, por “As centenárias”

• **DIRETOR:** Dudu Sandroni, por “Rasga coração”; João das Neves, por “Besouro Cordão-de-Ouro”; João Fonseca, por “Pão com mortadela”; Charles Möeller, por “7 — O musical”; Paulo de Moraes, por “Mãe Coragem e seus filhos”; Vinicius Arneiro, por “Cachorro!”

• **ATOR:** Cadu Fávero, por “Diário das crianças do velho quarteirão”; Edwin Luisi, por “Eu sou minha própria mulher”; José Mauro Brant, por “Federico García Lorca — Pequeno poema infinito”; Marcello Escorel, por “Cheiro de chuva”; Mario Borges, por “Farsa”; Thelmo Fernandes, por “Gota d’água”

• **CENÁRIO:** Ney Madeira, por “Besouro Cordão-de-Ouro”; Ronald Teixeira e Flávio Graff, por “O mundo dos esquecidos”; Fernando Mello da Costa e Rostand Albuquerque, por “As centenárias”; Hélio Eichbauer, por “Um dia, no verão”; Rogério Falcão, por “7 — O musical”



“CACHORRO” é outro indicado ao Shell de melhor direção, para Vinicius Arneiro

• **FIGURINO:** Marcelo Marques, por “Sassaricando”; Ney Madeira, por “A hora e vez de Augusto Matraga”; Marília Carneiro, por “O baile”; Rita Murquinho, por “7 — O musical”

• **ILUMINAÇÃO:** Luiz Paulo Nenen, por “O homem vivo”; Paulo César Medeiros, por “Sassaricando”; Maneco Quinderé, por “A mulher que escreveu a Bíblia”; Paulo César Medeiros, por “7 — O musical”

• **MÚSICA:** Alexandre Elias, por “A hora e vez de Augusto Matraga”; Luís Filipe de Lima, por “Sassaricando”; Paulo César Pinheiro e Luciana Rabello, pela direção musical de “Besouro Cordão-de-Ouro”; André Abujamra, por “Cantadas”; Ed Motta e Cláudio Botelho, pela direção musical de “7 — O musical”; Roberto Bürgel, por “Gota d’água”

• **CATEGORIA ESPECIAL:** Johayne

Simone Marinho/27.08.2007



“7”, musical dirigido por Charles Möeller

Hildefonso, pela direção de movimento de “Os dois cavalheiros de Verona”; Leonardo Franco e Cláudia Lira, pela abertura do Centro Cultural Solar de Botafogo; Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral, pelo roteiro de “Sassaricando”; Eloi Calage e Afonso Drumond, pelo roteiro de “Anjo Malaquias”; Renato Vilarouca e Rico Vilarouca, pela criação de vídeos de “Meu filho é um doce” e “Aquarelas do Ary”

Jefferson Lessa

TEATRO CRÍTICA

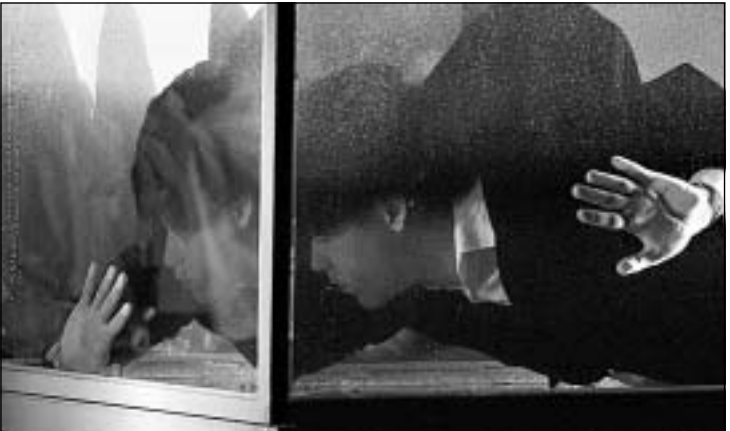
Montar uma peça de Samuel Beckett é fácil: basta ter vontade, espaço e determinação. Imitar Beckett, idem: há *zilhões* de imitadores por aí, com resultados, em geral, contragedores. Montar Beckett com precisão, compreendendo a fundo e traduzindo em verdadeiro espetáculo as marcas e as intenções do autor — isso são, definitivamente, outros quinhentos. Pois são estes outros quinhentos que os irmãos brasileiros Adriano e Fernando Guimarães apresentam no Oi Futuro, em “Resta pouco a dizer — Peças curtas de Beckett”. Até 30 de março, serão encenados três programas em que peças curtas do dramaturgo irlandês são intercaladas com performances idealizadas pelos Guimarães. É imenso o prazer (dever) de dizer para quem leu até aqui: são programas imperdíveis.

O Programa 2 (“Catástrofe”, “Ato sem palavras II” e “Jogo”), ora em cartaz, começa com a apresentação da performance “Respiração +” na área externa do centro cultural. Dois homens de terno e gravata submergem em tanques de acrílico transparente cheios d’água. Um terceiro

Resta pouco a dizer — Peças curtas de Beckett: *Espectáculo imperdível está em cartaz no Oi Futuro*

Pouco a dizer, mas muito a mostrar

Divulgação



A PERFORMANCE “Respiração +” abre, ainda no pátio, a programação

rapaz marca o tempo e, a um apito seu, eles emergem dos tanques e falam um texto “científico” sobre a respiração humana. Quantos minutos se pode ficar sem respirar, o que é a respiração, a função de oxigenar o cérebro etc. Parecem tentar falar o máximo possível antes de serem obrigados a afundar de novo. O apito soa e eles submergem, prendendo a respiração até próxima ordem. À medida que o tempo avança, nota-se que ficam cada vez mais cansados e desesperados. O resultado é cômico e incômodo ao mesmo tempo. A pergunta mais óbvia é: “Por que se submetem a tal tortura?”. Não são dadas explicações, mas a performance, com seus atos aparentemente gratuitos e sem sentido, dialoga à perfeição com o que está por vir.

Finda esta primeira performance (outras três, menores, variações do mesmo tema, serão intercaladas às peças de Beckett), a platéia é convidada a subir ao teatro, no sétimo andar. E é brindada com “Catástrofe”,

escrita em 1982. No centro do palco, um homem descalço, vestido de calças, camisa e sobretudo pretos, além de um chapéu de aba larga igualmente preto, está imóvel sobre um pedestal. Outro homem, um diretor autoritário e com jeito de quem precisa partir para um compromisso, dá ordens a uma prestativa e submissa assistente, a fim de moldar a figura humana a seu gosto. “Erga as mãos.” “Tire o sobretudo.” “Levante a calça até

o joelho.” A moça obedece, humilde, a cada ordem.

São muitas as interpretações possíveis, como sói acontecer com Beckett. Da associação imediata e fácil com a dinâmica da vida sob regimes autoritários ao autoritarismo próprio a um diretor de teatro, passando por uma visão religiosa da cena (o diretor como Deus), são múltiplas as leituras. No caso em questão, os menores gestos adquirem significados múlti-

plos que uma direção menos eficiente deixaria passar. O *ti-ming*, os silêncios e os mistérios dos diálogos curtos — tudo é exato. Os figurinos, a luz, o cenário (ou a aparente falta de) e as atuações são, por sua vez, impecáveis.

O programa continua com “Ato sem palavras II”, de 1956. No palco “violentamente iluminado”, segundo instruções do autor, há dois sacos e uma pilha de roupas. De um dos sacos sai um homem (A). Lentamente, ele se veste. É desorganizado e se atrapalha com cada peça de roupa. Mastiga um legume e cospe, fazendo cara de nojo. Em seguida, arrasta o outro saco pelo cômodo, se despe e se enfia de volta no saco de onde saiu. É aí que outro homem (B) emerge de seu saco. Ele se exercita, se veste da forma mais organizada e metódica possível, escova os dentes e mastiga o legume com ar de total aprovação. Passeia com o saco onde “dorme” B, se despe, dobra as roupas com método, se exercita e volta a se en-

sacar. Um o espelho do outro, num jogo perfeitamente simétrico (ecos de Estragon e Vladimir de “Esperando Godot?”).

O último Beckett da noite é “Jogo”, de 1963, ponto alto do programa. Lado a lado, três grandes caixas iguais. No topo de cada caixa, as cabeças de uma mulher, um homem e outra mulher. As cabeças só falam quando a luz se acende sobre cada uma delas. Falam com velocidade vertiginosa (palmas para a imensa habilidade técnica dos atores, que mostram a que vieram, numa encenação nada menos que brilhante que faria bonito em qualquer palco do planeta).

Aqui cabe uma ressalva. A performance que se segue a este grande momento teatral, “Respiração embolada”, poderia ser descartada. Ela segue a idéia das outras, com atores “se afogando” voluntariamente em baldes. Mas... A certa altura, cresce e se transforma num baído. Uma embolada, como diz o título. Destoa da secura, dos silêncios e da economia elegante de gestos e palavras de Beckett e das outras performances. Em outro momento, tudo bem. Aqui fica parecendo um glacê desnecessário sobre um bolo preparado por uma doceira de mão cheia. ■